

HISTÓRIA EM AQUARELAS

Felipe Augusto Barreto Rangel
Mestre em História - UEFS; Escola Intellectus.
felipedeaugusto@gmail.com

Resumo

Atento à diversidade de usos das fontes históricas, este artigo enfoca algumas experiências de pesquisa que tivemos com fontes inquisitoriais, especialmente no que concerne à produção de ilustrações em aquarela. Através da narrativa de um caso de sacrilégio presente nas documentações produzidas pelo Santo Ofício português, ocorrido no Recôncavo da Bahia, no início do século XVIII, nosso objetivo é refletir sobre o referido caso, através da construção de imagens sobre o mesmo. Analisamos estes experimentos, tratando-os enquanto uma linguagem diferenciada a ser utilizada no bojo da construção do conhecimento histórico. Vale dizer que não temos a pretensão de teoriza-las exaustivamente a partir das discussões do campo da história da arte e semiótica, por exemplo. Nossa intenção é de contribuir com os debates acerca da produção e utilização de imagens na pesquisa histórica, partindo da particularidade de nossas experiências. Estaremos amparados principalmente pelas perspectivas indiciárias (Carlo Ginzburg, 1989, 2006) e de análise e compreensão de imagens (Martine Joly, 1996), atentos à importância do cuidado com os detalhes (indícios) presentes nas documentações geradas no âmbito das repressões religiosas

Palavras-chave: Inquisição, feitiçaria, Cachoeira, século XVIII, Aquarelas.

Abstract

Considering the diversity of uses of historical sources, this article focuses on some research experiences that we had with inquisitorial sources, especially with regard to the production of watercolor illustrations. Through the narrative of a case of sacrilege present in the documents produced by the Portuguese Holy Office, which took place in the Recôncavo da Bahia in the early eighteenth century, our objective is to reflect on this case, through the construction of images about it. We analyze these experiments, treating them as a differentiated language to be used in the bosom of the construction of historical knowledge. It is worth noting that we do not intend to theorize them exhaustively from the discussions in the field of art history and semiotics, for example. Our intention is to contribute to the debates about the production and use of images in historical research, based on the particularity of our experiences. We will be supported mainly by the indications (Carlo Ginzburg, 1989, 2006) and of analysis and understanding of images (Martine Joly, 1996), attentive to the importance of care with the details in the documentation generated in the scope of religious repression.

Keywords: Inquisition, Witchcraft, Waterfall, 18th century, Watercolors.

Utilizamos em nossas pesquisas processos inquisitoriais¹ referentes ao porte e uso de práticas mágicas no século XVIII. Durante nossas investigações percebemos a possibilidade de utilizarmos outras linguagens (ilustrações) na pesquisa histórica, de forma a externar nossas composições feitas a partir do processo de desconstrução e reconstrução das narrativas documentais. Entendemos ilustrações no bojo das imagens (representação visual), a partir das proposições da pesquisadora Martine Joly. Segundo a autora, entre a fluidez das definições, uma imagem “indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece” (JOLY, 1996, p. 13). Mais à frente, a mesma autora aponta que “a imagem seria um objeto segundo com relação a um outro que ela representaria de acordo com certas leis particulares” (JOLY, 1996, p. 14).

Estas linguagens (ilustrações) figuraram ainda enquanto lastros privilegiados (ou mesmo âncoras) acerca das possibilidades de compreensão de narrativa, tempo, trajetória, imaginação histórica, entre outros. Tratamos os frutos destas linguagens enquanto *construções mentais*, embevecidos nas proposições do historiador da arte judeu-alemão Erwin Panofsky, pesquisador das iconografias e iconologias. A proposta metodológica das iconologias de Panofsky (1995, pp. 26 – 27), constitui-se em três etapas acerca do significado intrínseco e conteúdo das obras de arte – primeiro, uma descrição pré-iconográfica, ao atentar-se para a forma presente nos símbolos; em segundo, uma análise iconográfica, ao atentar-se para os conceitos, temas e histórias presentes nos símbolos; e, por último, uma interpretação iconológica, ao historicizar o espaço (contexto) de elaboração dos ditos símbolos, atentos aos princípios sociais e culturais adjacentes. Estas etapas possuem fronteiras bastante tênues durante o processo. Em nosso trabalho, fizemos o “movimento inverso”, ao contextualizarmos através das fontes e bibliografias nossos sujeitos e contextos, para depois produzirmos impressões visuais – as iconografias aquareladas. Nossa ideia de construção mental seguiu por esta ótica, durante a pesquisa, de como o pesquisador pode ir arquitetando mentalmente a visualidade de seus espaços de investigação, ao

¹ Em 1536 foi criado o Tribunal do Santo Ofício português, que tinha como principal alvo os cristãos novos. O tribunal rastreava heresias, e estas não consistiam necessariamente na dúvida dos dogmas ou das deliberações da Igreja, mas na insistência no erro. Existiram quatro tribunais: o de Lisboa (com jurisdição sobre a América portuguesa), Évora, Coimbra e Goa – este último era o único localizado fora da região metropolitana.

moldar seus sujeitos históricos, à qual se reporta sempre quando se depara com novas informações ou questionamentos.

A proposta também seguiu a lógica de não lançarmos mão apenas da linguagem escrita em nossos trabalhos, mas traçar, através das ilustrações, as ditas construções mentais de indivíduos e contextos, baseados nos indícios das fontes, nas leituras bibliográficas e, também, em alguns modelos iconográficos do período estudado. Tentamos estabelecer um diálogo entre imagens e palavras, tendo em vista que “A complementaridade das imagens e das palavras também reside no fato de que se alimentam umas das outras. (...) As imagens engendram as palavras que engendram as imagens em um movimento sem fim” (JOLY, 1996, p. 121).

O primeiro movimento a ser feito foi o de uma caracterização dos sujeitos históricos. Quem eram os envolvidos? Quais as suas características? E, especialmente, qual a mensagem que eu, enquanto pesquisador, gostaria de transmitir com a minha narrativa? Esta última questão é fundamental, pois retira as imagens do seu mero caráter ilustrativo, ao coloca-las, em seu próprio processo de feitura, numa dimensão expressiva e comunicativa, assim como a linguagem escrita. De acordo com Martine Joly, a imagem é uma mensagem visual, composta de diversos tipos de signos. É uma mensagem para o outro, fazendo-se necessário buscar como, por quem e para quem ela foi produzida. (JOLY, 1996, p. 55)

O segundo movimento foi o de contexto, ao considerarmos a paisagem física e os movimentos dos nossos sujeitos, e suas devidas implicações, em seus possíveis cenários. Esta etapa do trabalho foi um tanto complicada, devido aos riscos de cairmos em contradições no que concerne ao posicionamento dos signos visuais, dado ainda o caráter lacunar das informações fornecidas pelas fontes. No entanto, se considerarmos a especificidade de produção de cada pesquisador, o olhar particularizado e interpretativo de cada profissional, compreenderemos determinada paisagem visual na mesma ordem de produção de qualquer outro elemento constituinte do “produto final”, mesmo inacabado, de cada pesquisa. Não é uma produção unicamente livre, mas em diálogo com os outros instrumentais disponíveis, respeitando também momentos de inferências particulares e abertura de hipóteses (imaginação histórica). Afinal, não é apenas a palavra escrita que é dotada de veracidade.

Entendidas estas questões, a primeira paisagem visual² construída foi a mais complexa, pois foi o primeiro ensaio do nosso cenário histórico, dotado de personagens e movimentos. Esta primeira paisagem serviu de matriz para as possíveis outras, pois foi referência para os sujeitos (iguais ou outros), em suas vestimentas, em suas cores (tons de pele, roupas, casas, etc.), e uma série de outras minudências que deveriam ser exploradas. Neste sentido, o indiciário e a ciência dedutiva, propostos por Carlo Ginzburg (1989, 2006), entraram em cena. Vale mencionar que esta primeira imagem não seguiu o encadeamento da narrativa que produzimos em nossa dissertação, devido ao caráter experimental da empreitada.

A narrativa que extraímos das fontes, e que foi espinha dorsal de nosso trabalho, registrou um caso de furto de hóstias consagradas para a feitura de um amuleto de proteção de origem africana, chamado de *bolsa de mandinga*³. O furto envolveu o pardo Pedro Gonçalves Pereira, o pardo capitão mor das Entradas Valentim Pereira, o escravizado de um cigano, chamado Pedro, e um sacristão crioulo chamado de Francisco. A trama gravitou nos entornos das vilas de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e de Muritiba, durante a primeira metade do século XVIII. Os registros principais constam nas *Diligências sobre o caso do desacato e sacrilégio cometido na igreja paroquial de São Pedro do Monte de Moritiba, na Baía*. (ANTT, Diligências, 1738 – 1740)

Traçar o perfil fenotípico destes sujeitos foi o primeiro desafio. As possíveis colorações, que se matizavam ainda mais durante o cruzamento entre um e outro documento de instituições diferentes – entre os possíveis pardos, pretos, crioulos, brancos, entre outros, considerando ainda as flutuações epidérmicas do próprio período colonial. (SANTOS, 2005; VIANA, 2007) Deste ponto partiram inúmeros outros – quais as roupagens, possíveis acessórios que portavam, formatações corpóreas, pés calçados ou descalços (condição ou não de escravizados), insígnias e instrumentos de profissão, entre outras identificações. É importante dizer que cada elemento construído no desenrolar das ilustrações não deve ser analisado distante de todo o conjunto, pois a mensagem, na perspectiva que estamos tratando desde o

² Infelizmente, pelas próprias dimensões deste texto, não tivemos como inserir as referidas ilustrações aqui. No entanto, elas podem ser visualizadas em nossa dissertação de mestrado: (RANGEL, 2015).

³ As bolsas de mandinga se caracterizavam como uma espécie de amuleto de proteção, de origem africana, que, devido às trocas culturais do mundo ultramarino passou a englobar um universo bastante plástico. Em sua maioria eram recipientes de pano ou couro, no qual elementos mágicos eram colocados em seu interior, objetivando uma blindagem protetora. (SOUZA, 2009).

início deste texto, se configurou justamente pela complexidade de um todo, um mosaico, dotado de diversos sentidos.



Figura 1: Pedro Gonçalves Pereira, em casa, ao confeccionar sua bolsa de mandinga

Fonte: Felipe A. B. Rangel, 210mm x 297mm – 41g/m2. Aquarela sobre papel, 2014.

Esta ilustração foi o experimento inicial, no sentido de compormos uma visualidade do que imaginávamos acerca de um dos sujeitos mais visíveis de nossa trama. O único homem presente chamava-se Pedro Gonçalves Pereira. Segundo o perfil fornecido pelas *Diligências* ele era um sapateiro, com dezoito ou dezenove anos, e herdou o ofício por linha paterna. Seu pai, natural dos Açores, também lhe concedeu o mesmo nome, sendo ambos, portanto, homônimos. Aprendeu a ler e escrever em seu próprio ofício (ANTT, *Diligências*, 1738 - 1740, fls. M0014 – M0015). Marianna Pereira, natural da Freguesia de São Pedro do Monte da Muritiba, era a matriarca desta família de sapateiros, e todos viviam na Vila de São Pedro do Monte da Muritiba, próxima da Vila da Cachoeira, sendo termo da Freguesia desta última até o início do século XVIII.

Na primeira representação procuramos compor o momento em que o amuleto de proteção – a bolsa de mandinga – foi construído. Nosso olhar centrou-se especialmente para os termos profissionais apresentados pelas fontes, procurando montar um universo em que esta experiência ficasse evidente. O suporte de trabalho – uma mesa, instrumentos, tornos, avental e a matéria prima (couro ou o chamalote) –, o condicionamento corporal que revelasse certo traquejo com aquele universo, além da temporalidade (noite), foram incluídos. Algumas leituras bibliográficas (SOUZA, 1997;

LIBBY, 2006) fertilizaram nossa imaginação acerca das possibilidades do cenário – um diálogo entre a pobreza das casas coloniais com uma ideia de sapataria.

Vale dizer que o amuleto de proteção confeccionado – a bolsa de mandinga – condensou elementos das vivências deste sapateiro, uma vez que utilizou na feitura, “uns pedaços de chamalotecos⁴ de ouro que lhe havião sobrado de uns sapatos que fizera” (ANTT, Diligências, 1738 – 1749, fls. M0013). O referido amuleto foi elaborado, deste modo, a partir da experiência e dos instrumentais do próprio Pedro Gonçalves Pereira, elemento que define, inclusive, nossa ótica de *feitura de proteção* (RANGEL, 2015, p. 17) para este tipo de prática mágica.

Escolhemos traçar o personagem principal da cena de costas. Para além dos detalhes que possivelmente comporiam e revelariam o que estávamos desejando com esta cena, a expressão do rosto de sujeito deveria ser pensada cuidadosamente. As documentações nos deram suporte para decifrar, ou deduzir, a expressão do sujeito naquele momento. Ele havia acabado de sair da igreja matriz de Muritiba com a hóstia consagrada, furtada pelo sacristão. Pelo andamento do caso, percebemos que ele sabia que aquilo era errado, aos olhos da Igreja, e que poderia entrar numa enrascada se fosse descoberto. Tanto que, logo que saiu da dita igreja, correu para seu lugar de trabalho – o espaço que melhor conhecia e que lhe forneceria a segurança necessária para construir seu amuleto de proteção.

Acreditamos que este jogo de linguagens que se desenrola entre a narrativa de desenhos e palavras permite uma maior fluidez de interpretação por parte do leitor. A imaginação histórica, supracitada, não diz respeito apenas ao pesquisador no momento de sua construção histórica. Refere-se ainda ao leitor que, com suas próprias experiências, cria interpretações acerca dos sujeitos e objetos imersos nas produções científicas, especialmente aquelas que se referem a trajetórias de situações e crenças atípicas, das quais estamos a tratar.

A produção histórica, neste sentido, compreende um jogo de interpretações. Primeiro, com aquele que de alguma forma narra um fato, e aqui lembramos a proposição de Ginzburg de que “Mesmo um documento escrito, muitas vezes, foi construído a partir de uma oralidade” (GINZBURG, 1990\1991, p. 09). Em segundo, dos sujeitos responsáveis por grafar esta oralidade, enquanto escrivães, por exemplo. Daí por diante, o pesquisador, que construirá sua narrativa, através de suas leituras do

⁴ De acordo com o dicionário de Rafael Bluteau, “Chamalote” seria uma espécie de seda, ou mesmo um material feito com lã de camelo. “Chamaloteco”, segundo nossa interpretação, seria uma variação de “Chamalote”. (BLUTEAU, M. DCC. LXXXIX, p. 260)

mundo e dos instrumentais disponíveis e selecionados, até os possíveis leitores que darão sequência à cadeia interpretativa.

A próxima ilustração foi a que assumiu o início de nossa narrativa, e foi construída com mais tranquilidade, digamos assim, se compararmos com a ideia de “padrão” e “matriz” que rondava a primeira. Nela, nosso primeiro personagem acomodou o corpo de forma diferenciada, exibindo outros possíveis elementos – como a algibeira em que guardaria sua encomenda sagrada, que não aparece na primeira. O cenário foi a igreja matriz de São Pedro do Monte da Muritiba, local onde a hóstia consagrada foi furtada para a feitura do amuleto de proteção. O outro personagem, acusado nas *Diligências* aparece, entregando as hóstias na mão de Pedro Gonçalves.



Figura 2: O crioulo Francisco ao entregar a hóstia consagrada a Pedro Gonçalves Pereira, na porta da igreja matriz de São Pedro do Monte da Moritiba.

Fonte: Felipe A. B. Rangel, 210mm x 297mm – 41g/m2. Aquarela sobre papel, 2014.

O outro personagem chamava-se Francisco crioulo, e era sacristão da referida igreja, escravo do reverendo Manuel da Silva Teixeira, vigário local. Não sabemos a quanto tempo Francisco exercia este ofício de sacristão. Ao que podemos inferir, tempo suficiente para compreender o funcionamento de algumas cerimônias e as transições de seu espaço. Ele afirmou, em sessão de genealogia de seu interrogatório, datado de 23 de setembro de 1738, em Salvador, que era natural da Freguesia de São Pedro do Monte da Muritiba, filho de uma preta mina chamada Theodora. Sua mãe já havia falecido neste período. Era escravizado do vigário da referida Freguesia, e é possível que sua mãe também o tenha sido, apesar da omissão das falas quanto a isso. Possuía cerca de doze anos quando foi preso,

portanto muito jovem e, em decorrência disso, muito influenciável. (ANTT, Diligências, 1738 – 1740, fls. M0018)

Novamente, ficamos com algumas dúvidas no que concerne à composição do rosto do crioulo Francisco. Optamos por fazê-lo de frente, diferente de Pedro Gonçalves, utilizando um elemento da narrativa a nosso favor. A cena representou a entrega da hóstia furtada, que, segundo as documentações, ocorreu após todo um trâmite sigiloso – do sacrário no altar-mor, até sair pelas portas da igreja. Utilizamos a penumbra dos sombrais sagrados para deixar esfumar a face do sacristão crioulo. O ar de mistério, o caráter da heterodoxia e as flutuações epidérmicas do período colonial assumiram as escolhas nesta ilustração. A partir daí, Pedro Gonçalves Pereira levou a hóstia para casa e construiu sua bolsa de mandinga, cena representada na primeira imagem deste texto.

A próxima ilustração, última da tríade, representou uma festa, narrada nas *Diligências*, na qual a bolsa de mandinga foi revelada, levando os nossos já conhecidos personagens ao banco dos réus. Após a feitura da bolsa, Pedro Gonçalves se deslocou para a vila de Cachoeira, vizinha de Muritiba, para participar de uma festividade religiosa no convento de Nossa Senhora do Carmo. Entre os ritos sacros e profanos, típicos do período colonial, os colonos se reuniam em uma grande rede de sociabilidades. Encontro com camaradas, relatos de experiências, ajuste de contas, o entorno das festas possuía inúmeros sentidos. (PRIORE, 2000)



Figura 3: “Dança de moços”, na festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em frente à igreja da Ordem primeira do Carmo da Vila de Cachoeira.

Fonte: Felipe A. B. Rangel, 210mm x 297mm – 41g/m2. Aquarela sobre papel, 2014.

Os elementos chave que perpassam esta última construção foram a existência do conjunto do Carmo, tendo a igreja da Ordem ao centro, além do círculo de dançantes no primeiro plano da praça do templo, como dito. Os sujeitos estão dispostos de forma circular, o que evoca o caráter relativamente democrático das espiritualidades que se desenhavam na época colonial entre os níveis sociais mais distantes da ortodoxia cristã. Além da própria vivacidade das cores, sugerindo o caráter policromático das religiosidades que se desenharam na América portuguesa.

À guisa de conclusão deste pequeno texto, apontamos que utilizar estas diversas linguagens na construção de nossa pesquisa contribuiu bastante no intuito de externarmos, através de linguagens diferenciadas – a palavra escrita e paisagens visuais – as construções que elaboramos mentalmente em torno dos sujeitos históricos investigados. Em um primeiro momento, montamos um cenário, no qual todas as vezes que iríamos refletir sobre nossas fontes, nos transportávamos para este lugar. Em segundo, este cenário foi exposto, passando de instrumento de análise e reflexão para produto do traquejo da imaginação do pesquisador com as suas fontes.

REFERÊNCIAS:

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO – ANTT. **Diligências sobre o caso do desacato e sacrilégio cometido na igreja paroquial de São Pedro do Monte de Moritiba na Baía.** Processo 18003, Portugal, Lisboa, 1738-1740. Disponível em: <<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4616960>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

BLUTEAU, Rafael. **Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por António de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro.** Tomo primeiro: A—K. Lisboa, na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, Anno M. DCC. LXXXIX. Disponível em: <<https://archive.org/details/diccionariodalino00mora>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

BELLINI, Lígia. **A coisa obscura:** mulher, sodomia e Inquisição no Brasil colonial. Salvador: EDUFBA, 2014.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições:** Portugal, Espanha e Itália – séculos XV – XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALAINHO, Daniela Buono. **Metrópole das Mandingas:** religiosidade negra e inquisição portuguesa no antigo regime. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CALAINHO, Daniela Buono; TAVARES, Célia Cristina da Silva. Um guia de fontes para o estudo da Inquisição portuguesa. In: CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (Org.). **A Pesquisa e a**

Preservação de Arquivos e Fontes para a Educação, Cultura e Memória.

Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2012. p. 219-234.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GINZBURG, Carlo. O Inquisidor como antropólogo. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 9-20, 1990/1991.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 175-195, março de 2001. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi02/topoi2a7.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2014.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 133-161.

LIBBY, Douglas Cole. Habilidades, artífices e ofícios na sociedade escravista no Brasil colonial. In: FURTADO, Júnia Ferreira; LIBBY, Douglas Cole (Org.). **Trabalho livre, trabalho escravo**: Brasil e Europa, séculos XVII e XIX. São Paulo: Annablume, 2006. p. 57-73.

MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro. **História da Inquisição portuguesa (1536-1821)**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013.

MOTT, Luiz. Acotundá: raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro. In: MOTT, Luiz. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988. p. 87-117.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Vol. I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 155-220.

MOTT, Luiz. A vida mística e erótica do escravo Jose Francisco Pereira. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 153, n. 1, p. 85-104, 1988a.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia**: temas humanísticos na história do renascimento. Lisboa: Editora Estampa, 1995.

PRIORE, Mary Lucy Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RANGEL, Felipe A. Barreto. **Aos sinais das Ave Marias**: furtos de hóstias, feitura de proteção e o desenho religioso da Bahia Setecentista. O caso das Diligências de Moritiba. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em História, Feira de Santana, 2015.

SANTOS, Jocélio Teles dos. De pardos disfarçados a branco pouco claros: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 32, p. 115-137, 2005.

SANTOS, Vanicléia Silva. **As bolsas de mandinga no espaço Atlântico**: século XVIII. 2008. 255 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, São Paulo, 2008.

SCHWARTZ, Stuart B. **Cada um na sua lei**: Tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico. São Paulo: Companhia das Letras; Bauru: Edusc, 2009.

SOUZA, Laura de Mello e. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Vol. I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 41-81.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VIANA, Larissa. **O idioma da mestiçagem**: as irmandades de pardos na América portuguesa. Campinas, SP: Editora do Unicamp, 2007.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte**: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.